

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EMPENHADA OU A RESISTÊNCIA À
DISTOPIA EM DOIS MOMENTOS: MACHADO DE ASSIS E LIMA BARRETO**

**COMMITTED AFRO-BRAZILIAN LITERATURE OR RESISTANCE TO
DYSTOPIA IN TWO MOMENTS: MACHADO DE ASSIS AND LIMA
BARRETO**

Edson Ferreira Martins¹

Adélcio de Sousa Cruz²

RESUMO: No presente trabalho procuramos dialogar com o empenho de dois escritores e intelectuais negros que, de modos distintos, tentaram romper o máximo que puderam os obstáculos diários lançados sobre a população negra/afro-brasileira desde a consolidação do pensamento colonial. Enquanto Machado de Assis, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, obteve reconhecimento de sua intelectualidade ainda em vida, Lima Barreto, por sua vez, trilhou searas mais amargas, sendo celebrado tardiamente pela crítica literária brasileira. Em nosso estudo percorremos as linhas-mestras da crítica literária e cultural brasileira que buscaram embranquecer Machado, lendo-o como um Homero caucasiano dos trópicos, ao mesmo tempo em que com crueldade promoveu uma espécie de “isolamento” do escritor Lima Barreto. Enquanto desconstruímos essas leituras, apresentamos novas possibilidades de reenquadramentos estéticos, biográficos e sócio-históricos para estes dois expoentes da Literatura Brasileira moderna.

Palavras-Chave: Literatura afro-brasileira; Machado de Assis; Lima Barreto; Resistência; Distopia.

ABSTRACT: In the present work we seek to dialogue with the efforts of two black writers and intellectuals who, in different ways, tried to break as much as they could the daily obstacles thrown at the black / Afro-Brazilian population since the consolidation of colonial thought. While Machado de Assis, founder and first president of the Brazilian Academy of Letters, gained recognition for his intellectuality while still alive, Lima Barreto, in turn, traveled more bitter fields, being celebrated late by Brazilian literary critics. In our study, we followed the guidelines of Brazilian literary and cultural criticism that sought to whiten Machado, reading him as a Caucasian Homer of Tropics, while cruelly promoting a kind of “isolation” of the writer Lima Barreto. While we deconstruct these readings, we present new possibilities for aesthetic, biographical and socio-historical reframings for these two exponents of modern Brazilian Literature.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Machado de Assis; Lima Barreto; Resistance; Dystopia.

¹ Pós-Doutor em Estudos Clássicos pela Universidade Federal de Minas Gerais com estágio na Università Roma Tre (Roma, Itália). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: edsonletras@ufv.br

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFV e do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (DLA/UFV). Concluiu pós-doutorado no POSLIT/UFMG (2013), é doutor em Literatura Comparada (2009), com a tese "Narrativas contemporâneas da violência" agraciada com o Prêmio de Teses 2010 conferido à melhor tese do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e com a Menção Honrosa do Prêmio Capes de Teses. É mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes segmentos: literatura comparada, literatura afro-brasileira, literatura brasileira, literaturas de língua inglesa, literatura e outras artes (música e teatro), memória cultural, estudos culturais, identidade étnica, história. É pesquisador do NEIA/UFMG (Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade) e do NELAP (Núcleo de Estudos de Letras e Artes Performáticas. E-mail: adelcio.sousac@gmail.com

NASCIDOS NO TEMPO DA CAPOEIRA LITERÁRIA

A intelectualidade negra se engaja e se insurge de diversos modos contra a “linha de cor” (DU BOIS, 1994), uma das formas mais insidiosas do “racismo à brasileira” ou de um processo que de “cordial” não tem absolutamente nada, mesmo quando se tenta explicar pela via etimológica – “ah, mas é de coração”. Não, não se deixe levar pelas distopias falaciosas da “democracia racial”, pois esse mito apenas parece valer quando a comunidade negra se mantém em silêncio, seja sob o peso do chicote ou dos cassetetes. É, “gentil leitor”, as formas de violência estão todas devidamente “atualizadas”, mesmo que as aparências sejam de “evolução”, ordem e progresso.

Este breve texto procura dar luz ao empenho de dois escritores e intelectuais que, de modos distintos, tentaram romper o máximo que puderam com os obstáculos diários lançados sobre a população negra/afro-brasileira. Enquanto Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras, obteve reconhecimento de sua intelectualidade ainda em vida, Lima Barreto, por sua vez, trilhou searas mais amargas, sendo tardiamente celebrado pela crítica literária brasileira. Nesse sentido, levando-se em conta a historiografia da crítica ao longo dos últimos cem, cento e vinte anos, estamos diante não do “vale quanto pesa”, mas dos “dois pesos e duas medidas”. De fato, a mesma crítica que colaborou na criação de uma falsa imagem de Machado de Assis, como aquele que seria um escritor “afrancesado”, “desinteressado” em relação à História e, conseqüentemente, como alguém que agiu com indiferença frente ao fosso que separa a população negra da cidadania brasileira, agiu a seu turno também possibilitando com crueldade que uma espécie de “isolamento” fosse se consolidando em torno do escritor Lima Barreto, a despeito da grandiosidade de sua humanidade evocadas por sua vida e obra. Se o autor das *Memórias Póstumas* angariou adjetivos acumulados ao longo de sua faustosa carreira como homem de Letras, Lima Barreto entrou nas listas literárias do cânone apenas com seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, um campeão de presença nos antigos exames vestibulares. Entretanto, só recentemente, a produção do autor na área da narrativa curta – leia-se conto e crônica – está sendo reeditada e pesquisada no Brasil. Isso é a imensa “tristeza”, e não o fato, já notório por si, daquele carioca ter sido um visionário, desde a infância.

Portanto, neste artigo duas vozes contemporâneas se dispõem a trazer alguns apontamentos sobre seus diálogos com estes dois gigantes – Machado de Assis e Lima Barreto – da literatura produzida sob o signo e com a pele das “almas da gente negra”. Partimos da ideia de que a distopia em países cujo percurso é marcado fortemente pela colonização de exploração, escravidão, racismo e o denominado “capitalismo tardio”/ “selvagem” é uma espécie de eterno “passado-presente”.

MACHADO DE ASSIS: DO MULATO DE ALMA GREGA AO CANIBAL NEGRO

Branco do Cosme Velho. A expressão pode gerar estranheza para uns, como pode ser lida como racismo estrutural em uso por outros. Mas foi criada sob absoluta normalidade por uma agência de publicidade em 2011, cento e três anos após o falecimento do autor de *Dom Casmurro*. Sim. Não resta dúvidas – pois que ela foi ao ar³ – que a mimese embranquecida de Machado não preocupou um momento sequer os dirigentes da Caixa Econômica Federal (banco público), que usou dinheiro (portanto, público) para produzir um comercial no qual utilizava Machado de Assis como seu garoto-propaganda. Na altura, a Caixa comemorava os seus 150 anos de existência, e contratou a agência *Borghierh/Lowe* para realizar o referido produto audiovisual. Entretanto, tão logo foi exibido em rede nacional, o comercial chamou a atenção dos leitores mais críticos e engajados na construção da história do Brasil, conscientes das sistemáticas operações de silenciamento das culturas de matrizes africanas e afro-brasileiras patrocinadas pela memória oficial desde quando éramos uma colônia portuguesa. O fato inacreditável é que o ator escolhido para representar Machado de Assis era branco, conforme se pode observar na imagem abaixo:

³ A Caixa, logo depois, interrompeu a veiculação da propaganda, dada a enorme quantidade de críticas que invadiram as mídias digitais, além de um pedido formal da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), protocolizado junto ao banco. A SEPPIR entrou ainda com um pedido de providências junto ao Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR), à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República e ao Ministério Público Federal.



Figura 1 – Machado de Assis branco, na visão da Caixa Econômica Federal⁴

O comercial retrata o escritor como um “imortal”, aludindo a sua posição de presidente da Academia Brasileira de Letras, e, por meio do *lettering* posto na tela, situa o tempo da narrativa em setembro de 1908, pouco antes da morte de Machado de Assis, portanto, que falece em 29 de setembro daquele ano, numa madrugada fria, às 3h20m, na Rua Cosme Velho, número 18. Ocorre que Machado não é o único branco retratado no comercial. Só há brancos ali, dos funcionários da caixa, aos passantes e trabalhadores que Machado saúda enquanto caminha pela rua, que nos evoca a partir dos *takes* a rua por excelência (a do Ouvidor), com seus passantes a ir-e-vir agitado como o século que se inicia com o signo da velocidade. Dessa forma, ao assistir o vídeo, somos convidados a adentrar nesse mundo-comercial-de-margarina. Como se o Brasil fosse essa Brancolândia, sobretudo o Brasil do século XIX, e não uma cidade predominantemente negra, praticamente um porto da África, como descreveram a capital do Império Luso-Brasileiro os viajantes que desembarcavam no Rio de Janeiro ao longo da lenta urbanização da capital no Oitocentos.

Ora, contrastemos essa imagem embranquecida de Machado agora com a foto, veiculada pela Faculdade Zumbi dos Palmares em 2019, por meio do movimento

⁴ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5I1Wk&ab_channel=ZaniniH. Acesso em 26 nov. 2020.

“Machado de Assis Real”, com a prerrogativa de que a esta nova imagem é “a primeira errata feita para corrigir o racismo na literatura brasileira”:

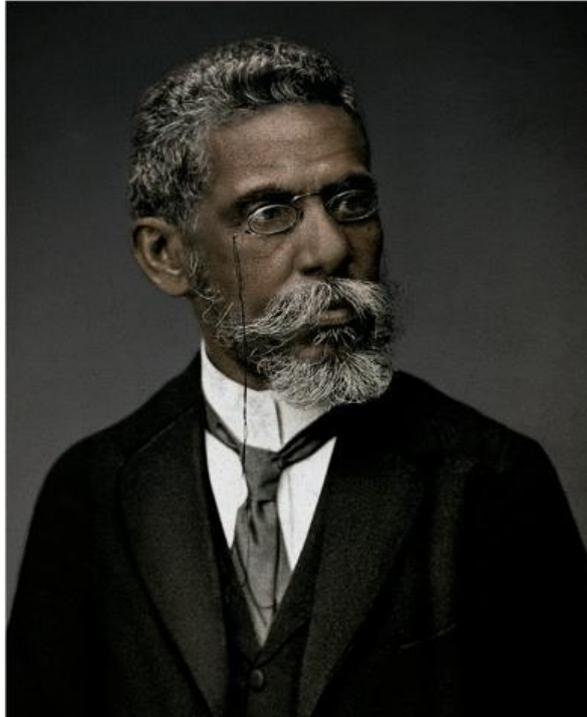


Figura 2 – Machado de Assis negro, na visão do projeto da Faculdade Zumbi dos Palmares⁵

A íntegra do texto da campanha, reproduzido abaixo, nos situa melhor sobre o fato de que, para nos posicionarmos diante da “disputa” pela cor da pele de Machado de Assis, precisamos compreender, como propõe Eduardo Duarte (2009), que esse processo de embranquecimento de Machado se trata de *uma leitura*, de *uma construção*, historicamente orientadas para determinados fins de manutenção do *statu quo*. Mas vejamos o texto, que contextualiza, a sua maneira, esse próprio processo:

Machado de Assis. O maior nome da história da literatura brasileira. Jornalista, contista, cronista, romancista, poeta, teatrólogo. E o que poucos sabem: negro. O racismo no Brasil escondeu quem ele era por séculos. Sua foto oficial, reproduzida até hoje, muda a cor da sua pele, distorce seus traços e rejeita sua verdadeira origem. Machado de Assis foi embranquecido para ser reconhecido. Infelizmente. Um absurdo que mancha a história do país. Uma injustiça que fere a comunidade negra. Já passou da hora de esse erro ser corrigido.

⁵ Fonte: <http://machadodeassisreal.com.br/>. Acesso em 26 nov. 2020.

No mês do Dia Mundial do Livro e do Direito do Autor, finalmente, será. Uma foto do Machado de Assis real está disponível aqui no site, para ser colada sobre a foto antiga, preconceituosa.

Uma errata histórica feita para impedir que o racismo na literatura seja perpetuado. Para encorajar novos escritores negros. Para dar a chance de a sociedade se retratar com o maior autor do Brasil. E para que todas as gerações reconheçam a pessoa genial e negra que ele foi.

Que cada estante deste país possa ter um livro de Machado de Assis corrigido. A história agradece.⁶

Ora, escavando a arqueologia dessa necessidade de embranquecer Machado de Assis, a picareta nos leva a Joaquim Nabuco. Mesmo sendo uma das lideranças do movimento abolicionista brasileiro, Nabuco não deixa de evidenciar seu aristocracismo eurocêntrico, ao se pronunciar sobre a querela da cor de Machado nestes termos: “O Machado para mim era *um branco* e creio que por tal se tornava; quando houvesse *sangue estranho* isso nada alterava a sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só via nele *o grego*”⁷. A opinião, digamos, biológica, positivista, de Nabuco se casa com o discurso oficial católico brasileiro, de cariz tradicional colonial, que apontava para a existência, em caráter excepcional, de alguns *pretos de alma branca*.

Estamos em 1908, adentrando a modernidade, quando começa, portanto, essa necessidade de tornar Machado branco. Afinal, como aceitar que o autor de contos e romances geniais, o autor de *O Espelho* e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pudesse ser um legítimo descendente de escravos? Esses seres que nem pessoas são? Observe-se que essa construção a qual nos referimos é articulada em diversas frentes. De um lado, pelo pensamento da elite brasileira, que lê mal ou atropela as opiniões seguramente favoráveis de Machado a favor do fim da escravidão e da ignomínia revestida de falso tratamento de aceitação social dispensados aos afrodescendentes em nosso país (CHALOUB, 2003), opiniões essas que estão expostas em suas linhas mestras tanto em sua cronística quanto em sua ficção, como demonstrou amplamente Eduardo Duarte (2009); seu propósito é insistir em o embranquecer, para ver nele um exemplar (dos melhores, nunca negaram) da “raça” ariana. De outro, pelas políticas de Estado que manifestam sua necessidade de clarear a sociedade brasileira através do

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/05/01/campanha-recria-foto-classica-de-machado-de-assis-e-mostra-escritor-negro-racismo-escondeu-quem-ele-era.ghtml> Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷ Cf. o trecho da carta enviada por Nabuco a José Veríssimo, logo após a morte de Machado de Assis. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/duas-cores-de-machado-de-assis/> Acesso em: 27 nov. 2020.

incentivo/prioridade dados à imigração europeia em massa, em vez de produzir formas sustentáveis de inclusão social dos milhões de escravos recém-libertos após o 13 de maio de 1888, e que perambulavam agora como desempregados/agregados, implorando subsistência às classes mais abastadas. De outro ainda, o desejo de embranquecimento da raça terá uma alegoria potente em *Macunaíma*, de Mario de Andrade, maior expoente do modernismo paulistano brasileiro, cujo herói nacional experimenta a metamorfose de índio negro para branco...

Uma tentativa de resposta a esse embranquecimento de Machado em linguagem audiovisual, entretanto, está em vias de vir a lume. A pedra angular foi lançada em 2016, por meio de um projeto de produção de um longa-metragem documental dedicado à vida e à obra do grande escritor brasileiro. Ao todo, as filmagens duraram cinco anos. O filme conta com o apoio institucional da Fundação para o Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). A ideia original para o argumento do filme era a de produzir através do *kinēma*, isto é, a partir da disposição de *imagens em movimento*, uma aproximação com a própria poética machadiana segundo a perspectiva aberta pelos estudos críticos de Enilton de Sá Rego⁸ e Jacyntho Brandão⁹, e aos quais Edson Martins se filia em uma série de trabalhos publicados¹⁰: foco na aproximação de Machado com a tradição luciânica, que o Bruxo do Cosme Velho aclimatou às terras tupiniquins como “homem do seu tempo e de seu país”¹¹.

Ao longo do segundo semestre de 2019 o filme, intitulado *Um Canibal nos Trópicos*, contou com exposições-teste em universidades brasileiras (Juiz de Fora, onde o filme teve a sua *première* durante a 22ª. reunião da SBEC; depois em Ouro Preto, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Viçosa e Macapá), bem como numa *turnê* europeia, quando foi exibido nas universidades de Coimbra, Roma, depois na Embaixada do Brasil em Atenas e, *the last but not least*, no *King's College* de Londres.

⁸ Cf. REGO (1989).

⁹ Cf. BRANDÃO, J. L. *A Grécia de Machado de Assis*. In: MENDES; OLIVEIRA (2001).

¹⁰ Cf. os seguintes trabalhos elencados nas referências bibliográficas: (MARTINS, 2015, 2016, 2017, 2018a, 2018b, 2019, 2020).

¹¹ Cf. ASSIS, Joaquim Maria Machado de Assis. Instinto de Nacionalidade. IN: **Obra completa**. v. 3. Poesia, Crônica, Crítica, Miscelânea e Epistolário. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 803-809.

Como se pode ver no trailer¹² do filme, para a montagem do roteiro, recorreu-se aos melhores pesquisadores de diversas áreas (Estudos Clássicos, Literatura Brasileira, História, Filosofia), a atores e diretores de cinema que experimentaram a adaptação de textos machadianos para a 7ª. arte (Michel Melamed, Luiz Fernando Carvalho, André Klotzel), a professores, alunos, leitores e não-leitores de Machado, para que, através das entrevistas, se pudesse conseguir uma matéria-prima heterogênea a partir da qual o filme pudesse evocar múltiplas leituras de um autor multifacetado, que atravessou as estéticas plurais dos séculos XIX e XX, sem nunca se limitar ou se filiar a uma delas.

Este documentário não é o primeiro filme sobre Machado de Assis. Mas talvez seja o primeiro que busque revisitar a biografia do autor de *Dom Casmurro*, abordando-a na perspectiva do leitor absolutamente diferenciado que Machado era, traço que fará dele, ao longo de uma carreira ininterrupta de 50 anos dedicados à literatura (cultivada em todos os gêneros, do teatro à poesia, do conto ao romance, da crônica à crítica literária), um águia entre seus pares, um *antropófago avant la lettre*, ou, como se propõe no título do filme, *um canibal nos trópicos*. No longa-metragem, Machado é representado como um devorador de línguas (francês, inglês, mas também o latim, o alemão e o grego, tendo a todas estudado sozinho, como autodidata), de autores (clássicos antigos e modernos, que lia vorazmente em chave crítica) e, sobretudo, de culturas (as matrizes greco-romana e judaica, sem descuidar das matrizes afro e indígena), que, como um observador arguto, ele subverte a partir de uma leitura *irreverente* da tradição. Essa irreverência é possível de ser posta em ação somente por meio de um espírito livre e desabusado, de alguém que nasceu na periferia do capitalismo, de onde e do qual fala, sem excluir a necessidade inevitável de urbanização e modernização do seu mundo, mas também sem poupar as tiranias típicas do *modus operandi* da sociedade escravocrata do Rio de Janeiro oitocentista à beira das portas do veloz século XX, que o autor já velho ligeiro adentrou.

A trilha sonora do filme foi escolhida a dedo e, por meio dela, desejou-se dar vez/voz às sinestésias, fundindo som e imagens machadianas em conversas com Baden Powell, Vinicius de Moraes, Jorge Ben Jor, Martinho da Vila, Chico Science, Nação Zumbi, Emicida e Criolo, objetivando compor uma sinfônica tribo canibal, que transita

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xAfdP8_2IOU&t=4s&ab_channel=MenipoFilmes. Acesso em: 29 nov. 2020.

do lundu ao samba, do rock ao rap, com um tempero afrodisíaco brasileiro. A direção e o roteiro estiveram voltados, através da *mise-en-scène*, para duas questões centrais: ao mesmo tempo em que se põe em discussão a biografia de um dos maiores pensadores da cultura ocidental, para nossa sorte nascido brasileiro, devolve-se à crítica da cultura brasileira um ponto delicado (e polêmico até): questiona-se como se construíram as operações de silenciamento sobre a origem negra de Machado de Assis ao longo dos séculos XIX, XX e XXI.

Neto de escravos, negro e filho de um pintor de paredes (ourives) e de uma lavadeira, o menino pobre terminará a vida como grande romancista, contista e poeta, ocupando com distinção e louvor o posto de primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, celebrado em crônicas da época como "o Homero brasileiro".

LIMA BARRETO

Poderia parecer paradoxal, tratar em um mesmo artigo, de dois autores tão distintos – Machado de Assis e Lima Barreto – tanto em vida quanto em suas respectivas obras. Embora tenham sido estabelecidos em “lugares” diferenciados/distanciados ora pela crítica literária, ora por historiadores da cultura, durante a maior parte do final do século XIX e durante todo o século XX, ecoando ainda nestas duas primeiras décadas do século XXI, ao se procurar com lente mais atenta, encontramos similaridades em pontos da vida e nas entrelinhas de suas produções textuais. Pouco se divulgava sobre a vida/herança de Machado, mas Lima, por sua vez, praticamente lançava sua vida sobre o público leitor. E não o fez por indiferença. Impossível a um escritor que, aos 12 anos de idade, como nos revela a biografia elaborada por Francisco de Assis Barbosa (2017), era praticamente um “correspondente de guerra”, relatando em carta ao pai João Henriques sobre a Revolta da Armada. Gostaríamos de destacar, então, outro episódio que lança luz sobre a visão aguda daquele menino:

- Você sabe o que aquele soldado queria?
- Não, papai.
- Queria que eu lhe dissesse por que esses dois homens (referia-se a Custódio e Floriano) estão brigando.” Afonso impressionou-se com a ignorância do soldado. “Nunca podia imaginar que um homem arriscasse sua vida sem saber por que nem para quê.” Isso lhe pareceu, então, apesar da pouca idade que tinha, “estúpido e indigno da condição de homem” (...) Tinha apenas 12

anos. Estava naquele “instante da vida em que se gravam bem as dolorosas impressões”, segundo as próprias palavras do escritor. Para ele, a ditadura florianista assemelhava-se a um cataclismo, com o seu cortejo de execuções, fuzilamentos, encarceramentos, homicídios legais, que o horrorizavam (BARBOSA, 2017, p. 36-37).

A violência do conflito armado que não ocorrera na passagem do regime monarquista para o republicano – pelo menos nas proximidades da então capital federal – estava exposta em diversos episódios. Entretanto, o espanto de Afonso Henriques, ou simplesmente Afonso, como ele próprio assinava na carta que fizera com que seu pai deixasse a Ilha do Governador e viajasse até Niterói para buscar o filho, recaiu sobre o desconhecimento de um soldado sobre a causa pela qual estava lutando. As tintas distópicas pareciam acompanhar o escritor desde cedo, quando seu pai, funcionário chefe da Tipografia da Imprensa do II Império, foi destituído do cargo e, junto com a família, mudou-se para uma casa dentro da Colônia de Alienados, numa palavra: para o hospício. Não imaginava, enquanto criança, que durante sua vida adulta passaria a ser um dos pacientes de instituição psiquiátrica.

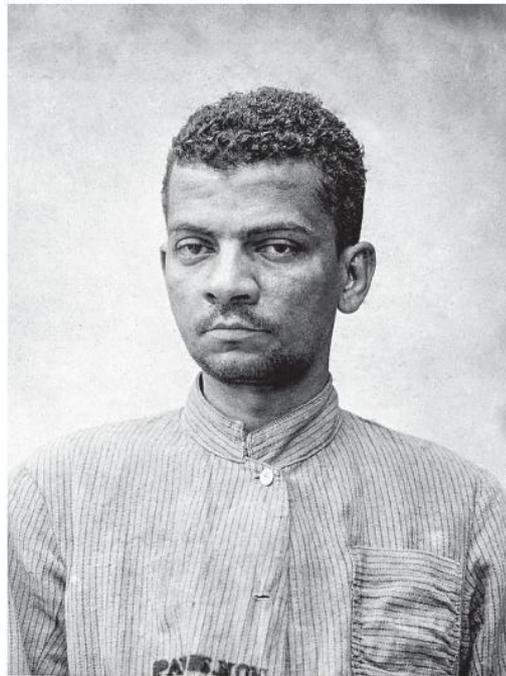


Figura 3: Foto de Lima Barreto no período de uma de suas internações por “motivos psiquiátricos”¹³

¹³ Fonte: *Lima Barreto: escrita de si*, por Lilia Moritz Schwarcz (2019).

É digna de nota, assim, a contundência de sua luta enquanto sujeito negro, em pleno recrudescimento da ideologia do branqueamento e da mestiçagem – no intuito de “higienizar” a sociedade, eliminando até à extinção toda população negra e afrodescendente¹⁴ – enfrentando ainda o que denominamos sucessivos “regimes de exceção” sob o signo de colonizadores internos – herança da colonização e da escravidão. As gerações de jovens da comunidade negra, hoje, descobrem outras referências, sempre invisibilizadas em fotografias “retocadas” por mãos regidas pelo “racismo cordial” – esse dublê de corpo da supremacia branca à brasileira – ou ainda, no epistemicídio¹⁵ diário das salas de aula, silenciando qualquer referência, mínima que fosse, ao afro-pertencimento de artistas do campo das letras. Aos fãs da “literatura como sorriso da sociedade”, Lima Barreto disparava: “negro ou mulato, como queiram”. Quem sabe, aquela criança visionária que só se tornou, dentre outras imagens o homem da fotografia-registro da internação, entre tantos obstáculos distópicos estivesse ali, apenas cansado e indignado até a última gota de sangue nos olhos. Tristeza, passou longe...

Em texto ainda inédito, concluído há dezoito anos, durante a pesquisa de mestrado (CRUZ, 2002, p. 17-18), apontamos indícios nos escritos de Lima Barreto – especificamente na correspondência pessoal, em carta destinada a Monteiro Lobato –, de que o escritor carioca nos revela sobre o papel de sua estratégia literária:

(...) procurei empregar a violência, a análise cruel e corajosa, para ser veículo de minhas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade, de forma a não morrerem meus livros nas livrarias. É defeito que neles eu reconheço, mas era preciso. Havia ainda uma outra violência, a que atingia a língua portuguesa, registrada em outra correspondência, desta feita de Monteiro Lobato para Lima Barreto: E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de toilette gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Mais uma vez, a tentativa de recusa do domínio cultural. Violentar o texto: em lugar do “regimento” (a escrita correta, uma formação praticamente militar), o fragmento. Pensar outra possibilidade de texto, que trouxesse uma marca mais pessoal do que apenas a adequação a um estilo e, leia-se em estilo europeu.

¹⁴ Cf. LACERDA, 1911.

¹⁵ Cf. o trabalho de Alencastro (2018), em artigo que aponta para a dupla invisibilidade perpetrada pela intelectualidade “canônica”.

Dentre tantas atrocidades herdadas da escravidão e perpetradas pelo racismo, há uma que é quase indescritível: a constante recusa de nos permitir ter direito à raiva, ao rancor, à indignação, por exemplo. A consciência de que seus livros são entes com vida própria está expressa em sua preocupação de que estes possam “morrer”, abandonados em alguma estante de livraria. A crítica literária canônica continua com “saldo negativo” no que diz respeito ao reconhecimento do que, à época, foi delineado brevemente como anti-estética da violência. A subjetividade de suas personagens está trespassada pela “dupla consciência”¹⁶, mimetizando esteticamente o seu pertencimento à negritude e, simultaneamente, excluídas da nação.

Tanto Machado de Assis quanto Lima Barreto viveram sob decisivos momentos que moldaram e emolduraram social e politicamente nossos dias. Nesse sentido, o gráfico a seguir evidencia o que a “elite branca” do final dos Oitocentos e do início do século XX planejava para o “futuro”:

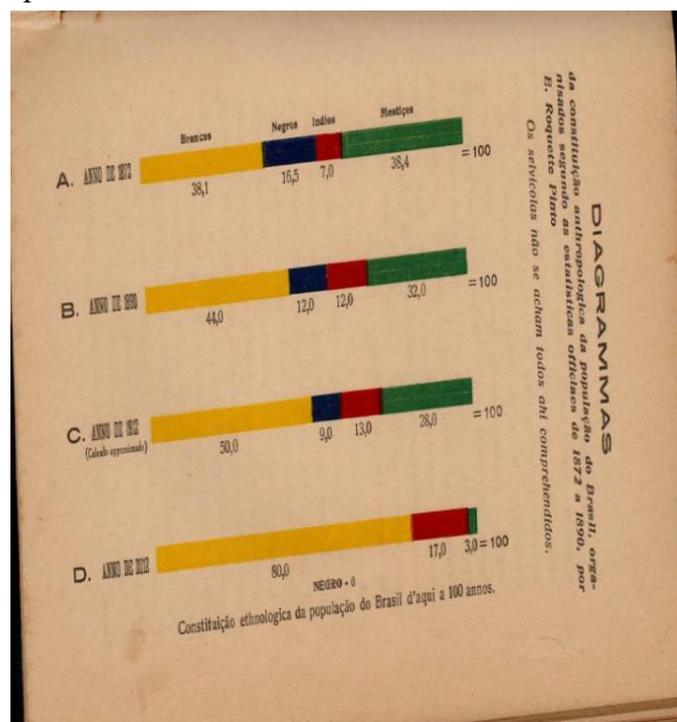


Figura 4: Estimativas “desejadas” para o processo de embranquecimento da população brasileira em cem anos, a partir de 1912.¹⁷

¹⁶ Cf. DU BOIS (1984).

¹⁷ Fonte: LACERDA, João Batista de. *O Congresso Universal das Raças reunido em Londres (1911): apreciação e comentários*. Brasil: Papellaria Macedo, 1911. p. 101. PDF da edição original disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/16>

Acesso em 21/09/2020.

A figura acima é uma reprodução do livro de autoria do médico João Batista de Lacerda, representante brasileiro no I Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres no ano de 1911. O recorte temporal/populacional parte do ano de 1872 (38,1% de brancos; 16,5% de negros; 7,0% de “índios” e 38,4% de mestiços, representadas respectivamente no “Diagramma” pelas cores amarela, azul, vermelha e verde). “O ponto de chegada”, apontando a previsão, seria o ano de 2012 com 80% de brancos; 17% de “índios” e 3,0% de mestiços... A composição populacional sonhada à época pelos eugenistas – e dentre eles Monteiro Lobato – previa a extinção da população negra, com a ínfima presença do que, no gráfico, está classificada como “mestiços”. Com base neste contexto de necropolítica programada, trazemos aqui um pensamento capital do filósofo, intelectual e ativista negro norte-americano, W.E. B. Du Bois (1994, p. 1):

Muito do que está contido aqui, se lido com paciência, talvez possa mostrar o estranho significado de ser negro na aurora do Século XX. Este significado não pode passar despercebido a você, Gentil Leitor, pois o problema do Século XX é o problema da linha de cor. (Livre tradução)¹⁸

O livro de ensaios *The souls of Black folk* (1994) aponta justamente para o elemento nevrálgico da violência, não apenas do século XX, mas datada a partir do final do século XV, ecoando de modo brutal – entre recrudescimentos e, raros, momentos de alívio – até os dias de hoje. As vidas negras continuam sob a imensa pressão do racismo e, guardadas as devidas proporções, impactadas de modo similar ao que ocorreu a Lima Barreto e outros intelectuais negros. A distopia é real.

A “linha de cor”¹⁹ parece ser uma personagem não nominada, a qual interfere de diversas maneiras e diferentes intensidades nos enredos e na vida dos “seres de papel” que frequentam o espaço ficcional criado por Lima Barreto. Em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e ainda na dramática narrativa de *Clara dos Anjos*, a interferência provocada pela “linha de cor” pode servir de elemento catalisador para o

¹⁸ “Herein lie buried many things which if read with patience may show the strange meaning of being black here in the dawning of the Twentieth Century. This meaning is not without interest to you, Gentle Reader; for the problem of the Twentieth Century is the problem of the color-line” (DU BOIS, 1994, p. 1).

¹⁹ Escolhi esta tradução pois se revela mais adequada ao modo como o “racismo à brasileira” funciona. O texto de Du Bois foi traduzido pela pesquisadora Heloísa Toller Gomes – *As almas da gente negra* – e consta na edição “barreira de cor”.

despertar da “dupla consciência” (DU BOIS, 1994): momento no qual as personagens se descobrem negras e, simultaneamente, excluídas das categorias de pessoa, de cidadania, da humanidade, enfim.

Terminamos este convite à reflexão/revisão, com as palavras de Harold Bloom (2014, p. 750), na esperança de que a crítica da cultura, através de suas diversas instituições, resgate, cada vez mais, a contribuição dos intelectuais negros para a civilização humana: “O gênio da ironia ofereceu-nos poucos exemplos à altura do escritor afro-brasileiro Machado de Assis, que eu considero ser o artista literário negro mais importante até hoje”. Machado teria encolhido os ombros perante esta afirmação, como mais uma piada digna de Tristram Shandy”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O sumiço dos africanos: notas sobre 'Formação da Literatura Brasileira' e 'Formação Econômica do Brasil'. In Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz (orgs.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018, pp. 416-430.

BARBOSA, Francisco Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Edição do Kindle.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1949.

_____. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Penguin/Cia. das Letras, 2010.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Temas e Debates, 2014.

BRANDÃO, J. L. A Grécia de Machado de Assis. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 351-374.

CHALOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRUZ, Adélcio de Sousa. *Lima Barreto: a identidade étnica como dilema*. Dissertação de mestrado. Orientador: Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

_____. *Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

DUARTE, Eduardo Assis. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk* (Dover Thrift Editions) (p. 1). Dover Publications. Original 1903 text, republished in 1994. Edição do Kindle.

_____. *As almas da gente negra*. Tradução, introdução e notas de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.

LACERDA, João Batista de. *O Congresso Universal das Raças reunido em Londres* (1911): apreciação e comentários. Brasil: Papelaria Macedo, 1911. PDF da edição original disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/16> Acesso em 21/09/2020.

MARTINS, Edson Ferreira. Afrodite nos Trópicos: a reescrita da cultura clássica no romance *A mão e a luva*, de Machado de Assis. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 3, p. 37-62, 2015.

MARTINS, Edson Ferreira. Da Helena Grega à Helena Fluminense: Machado de Assis e a tradição clássica. *O Eixo e a Roda (UFMG)*, v. 25, p. 255-272, 2016.

MARTINS, Edson Ferreira; OLIVEIRA, F. T. . Félix ou o anti-Aquiles: diálogos entre Homero e Machado de Assis. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 5, p. 17-28, 2017.

MARTINS, Edson Ferreira. Machado de Assis, autor-operário: sobre os temas clássicos presentes em *Ressurreição*. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 28, p. 353, 2018a.

MARTINS, Edson Ferreira. A poética da dissimulação: sobre a apropriação da história romana em um episódio de Dom Casmurro. *Caletroscópio*, v. 6, p. 58-69, 2018b.

MARTINS, EDSON FERREIRA. TAVARES, F. Da Guerra de Troia à Guerra do Paraguai: reminiscências clássicas em *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras (São Paulo)*, v. 19, n. 2, p. 43-64, 2019.

MARTINS, EDSON FERREIRA. Machado de Assis, leitor de Homero. *Clássica (São Paulo)*, v. 33, p. 227-244, 2020.

REGO, Enylton de Sá. *Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Estud. av.*, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 137-154, Aug. 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

40142019000200137&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2020. Epub Aug 12, 2019.
<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0009>.